

Vida e política na era digital

Carlos Costa

Para fundamentar a tese que de “as sociedades contemporâneas experimentaram profundas transformações desde o final do século passado com a incorporação das tecnologias digitais”, dois pesquisadores nacionais citam, em artigo recente, cinco autores – elencando, ao final do artigo de 20 páginas, uma bibliografia de trinta livros. Daniel Ivoskus, nos 12 capítulos de seu *Vivir Conectados*, cita menos de meia dúzia de autores e apresenta uma sucinta bibliografia de 17 obras. Ao longo do livro, 127 rodapés referendam as fontes dos dados apresentados (reportagens de jornal, relatórios, enquetes, sites, intervenções em congressos). Afinal, livros hoje não dão conta da quantidade de *gadgets*, programas e aparelhos que foram tomando de assalto o cotidiano da sociedade da informação. Tanto que, ao final da obra, o autor acrescenta um glossário básico com 87 termos e definições – de Blackberry e B2B a W3C e WiMax, passando por Flickr e FTP.

Professor da Universidad Nacional de General San Martín (cidade da Província de Buenos Aires, Argentina) e docente no mestrado de Comunicação e Novas Tecnologias na Universidad de Oviedo, na Espanha, Daniel Ivoskus alia a carreira acadêmica com a atuação política (é vereador na cidade de General San Martín, onde preside a Comissão de Indústria, Comércio e Trabalho). Seu livro anterior, de 2007 (*Lo que no se dice no es*), era focado em comunicação e marketing municipal. *Vivir Conectados* tem como subtítulo “Sociedad política y comunicación en la era digital”.

De escritura direta e simples, os doze capítulos do livro podem ser lidos como uma reportagem. No primeiro deles, Ivoskus enumera os dispositivos que mudam a vida e a rotina do “neo-homem”, e fica claro que o celular e os su-

**Vivir conectados:
sociedad política
y comunicación en
la era digital**

Daniel Ivoskus

Buenos Aires:
Grupo Editorial Norma
2008, 283 p.



portes móveis de acesso à rede são os que hoje dão as cartas: Blackberry, iPhone e o “reino do polegar” (é com esse dedo tradicionalmente de apoio que hoje se digitam mensagens e códigos de acesso). O autor mostra o excesso de acessos e as síndromes dos que vivem conectados (como a da vibração fantasma: o usuário acredita ter ouvido o celular vibrar; o vício crackberry: a compulsão por checar mensagens de e-mail). O capítulo II descreve o escritório virtual, e o autor analisa a experiência da firma de advocacia espanhola Cremades & Sotelo e faz rápida passagem pela evolução da Web 1.0 para a 2.0, a Wikipédia, Gmail, Flickr, YouTube. No capítulo III, o foco é o impacto da globalização e a virtualização da história – e o que a virtualidade muda em nossas vidas. O capítulo IV discorre sobre o uso de blogs, o Google, a tecnologia integrada, os debates de candidatos no YouTube e campanhas em Second Life.

O 5º capítulo introduz o cidadão digital, as mudanças de papéis e funções na história, o governo digital como provedor de serviços e a administração eletrônica e o fim da buro-

cracia e dos carimbos em papéis na cidade digital. O capítulo VI aborda as experiências de conectividade na América Latina e a competitividade tecnológica como geradora de empregos e de crescimento. Além de dados interessantes (Equador é o país com acesso mais caro à internet; Paraguai, Bolívia e Colômbia, os que apresentam menor conectividade por habitante), o autor discorre sobre iniciativas como a cidade chilena de Peñalolén: uma das mais pobres do país, transformada pelo prefeito Claudio Orrego (gestão 2004-2008) numa comunidade incluída digitalmente.

O e-governo é o tema do capítulo VII e Daniel Ivoskus discorre sobre sua especialidade, o município on-line. Ficamos conhecendo o portal de Barcelona, de San Martín (onde atua o professor) e de Rafaela, na província de Santa Fe, considerado modelo de transparência na Argentina, pela publicação de balancetes, orçamento, concorrências e licitações.

O capítulo VIII trata das diferenças sociais provocadas pela globalização e pela virtualização. O autor discorre sobre os novos analfabetos, os tecnoincluídos e os tecnoexcluídos: “Um milionário de 60 anos que dita um e-mail a sua secretária, pois não sabe utilizar o Outlook, é rico ou pobre em termos de pertencimento digital?”, pergunta o autor. Vale citar um trecho do capítulo:

Existem pessoas para quem possuir um computador é um sonho tão distante, em termos econômicos, como possuir um carro. No entanto, são capazes de entrar em um cybercafé e navegar pela web com a soltura de um contorcionista. [...] Mas com a superação permanente da tecnologia, nasceu outra classe de excluído digital: o que não sabe usar as ferramentas que tem à disposição (p. 165-166).

Nessa linha de raciocínio, Ivoskus enfatiza a necessidade de uma multialfabetização, um aprendizado que coloque o indivíduo a cavaleiro das tecnologias. E isso o Estado e a comunidade devem fazer por meio da educação. Educação visual (entender o que se vê), educação organizativa (hierarquizar as informações a que se tem acesso, jogando

fora o que é lixo), educação mediática (como organizar os pacotes de informação), cultural (compreender os signos e novas identidades do ciberespaço) e tecnológica (como se capacitar para buscar, encontrar, ordenar, classificar). Há muito a fazer, e ele lembra:

Há uns 20 anos, uma das políticas públicas mais eficazes da América Latina, para resgatar crianças em situação de risco, era o futebol. Os clubes e associações de bairro eram os refúgios mais eficientes para a inclusão social. O futebol, o pretexto. O objetivo: tirá-los da rua, da marginalidade, e dar-lhes um espaço de interação com os outros e com a contenção social. Hoje esse papel pode ser ocupado pelos cybercafés (p. 172).

É sobre aprendizado e inclusão digital que trata o capítulo IX: o autor conta a história de María Amelia, a blogueira galega que se iniciou na rede aos 95 anos, levada pelo neto de 13 (recebeu 923.785 visitas em um ano), analisa o Projeto Casa Brasil e sua proposta de criar 3 mil telecentros por ano – e o projeto catalão Abinet (abuelo-nieto), que inverte a premissa comum (o professor ser mais velho que o aluno): os jovens educando os anciãos. O capítulo X discorre sobre a e-democracia e as experiências do voto eletrônico – novamente a experiência brasileira é destacada. O livro termina com a “indústria branca” na Índia, Irlanda e Israel (capítulo 11) e aborda a experiência Second Life – o bem e o mal na internet e a religião da web (capítulo 12). No epílogo, o autor comenta a aplicação da tecnologia na vida cotidiana.

Leitura esclarecedora, *Vivir Conectados* provoca reflexões necessárias para quem trabalha com ensino (sobretudo por colocar em cheque certos pressupostos da pedagogia tradicional) e com marketing e movimentos sociais. Com a vantagem de que, escrito no final de 2008, está recheado de dados estatísticos que valem por uma reciclagem.

Carlos Costa é doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP) e coordenador de Ensino de Jornalismo e professor da Faculdade Cásper Líbero.